

O Catastrofismo Ecodistópico: Perspectivas do Norte e do Sul global

Ecodystopian Catastrophism: Perspectives from the Global North and South

GOUVEIA, Saulo¹

Michigan State University (MSU)

RESUMO:

Neste ensaio proponho uma comparação entre um romance brasileiro de 1981, **Não verás país nenhum**, de Ignácio de Loyola Brandão e a trilogia, **Oryx and Crake** (2003), **The Year of the Flood** (2009) e **MaddAddam** (2011), da escritora canadense, Margaret Atwood. A comparação entre esses romances avaliará questões estéticas e ideológicas na representação de um futuro pós-catastrófico em cada um deles. A ênfase da análise será na representação de humanos/não humanos, a concepção de história, e a eficácia ou ineficácia de certas opções estéticas de cada autor.

Palavras-chave: Antropoceno, Antropocentrismo, Catastrofismo, Ecocrítica, Ecodistopias, Ignácio de Loyola Brandão, Margaret Atwood

ABSTRACT

In this essay I propose a comparison between a 1981 Brazilian novel, **Não serás no país**, by Ignácio de Loyola Brandão and the trilogy, **Oryx and Crake** (2003), **The Year of the Flood** (2009) and **MaddAddam** (2011), Margaret Atwood. The comparison between these novels evaluates aesthetic and ideological issues in the representation of a post-catastrophic future in each of these narratives. The emphasis of the analysis will be on human / non-human representation, the conception of history, and the efficacy or ineffectiveness of certain aesthetic options of each author.

Keywords: Anthropocene, Anthropocentrism, Catastrophism, Ecocriticism, Ecodystopias, Ignácio de Loyola Brandão, Margaret Atwood

¹Professor Associado de português e cultura luso-brasileira da Michigan State University, departamento de Romance and Classical Studies, College of Arts and Letters, East Lansing, Michigan. Email: gouveias@msu.edu

No atual presente distópico, nossa ansiedade em relação a questões ambientais atinge níveis talvez jamais vistos. Embora grande parte dessas preocupações seja de longa data, a cada dia surgem novas previsões pessimistas sobre mudanças climáticas e diversos outros aspectos relacionados à destruição do meio ambiente em escala global. Esse sentimento não está mais restrito a indivíduos e instituições que se pautam por uma ética ecológica. Questões ambientais constituem parte essencial do zeitgeist contemporâneo. Diante de problemas desta natureza e escala, atual crise das mudanças climáticas ou aquecimento global “propiciam um senso do presente que desconecta o futuro do passado ao colocar esse futuro além das possibilidades da sensibilidade histórica,” como disse o historiador Dipesh Chakrabarty (2009, p. 197)

Contribuindo ainda mais a angústia generalizada, a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos sinaliza de forma inequívoca que a maior democracia do mundo entrou, talvez irreversivelmente, na era da pós-verdade, dos “fatos alternativos” e da irrelevância do decoro no campo do discurso e prática política. Pior ainda, a eleição de Trump é apenas um dos eventos que apontam para uma tendência global em direção ao autoritarismo de extrema direita, cuja política se caracteriza, entre outros aspectos, pelo desprezo à pesquisa científica em geral e particularmente à pesquisa relacionada a questões como aquecimento global e mudanças climáticas. Como era de se esperar, em um de seus primeiros atos como presidente, Donald Trump declarou a saída dos Estados Unidos do Tratado de Paris, de 2015, o que significa que a nação que mais polui do planeta não cumprirá metas de redução de emissão de CO2 e outras políticas de proteção ambiental aprovadas em acordos internacionais. Internamente Trump nomeou Scott Pruitt como diretor da Environmental Protection Agency (EPA), a agência federal questões ambientais e de saúde humana. Pruitt tem conexões com a indústria do carvão nos Estados Unidos e tem comandado uma série de ações para dismantelar regulamentos feitos durante o mandato de Barack Obama. Nomear Pruitt como chefe da EPA é, como diz um repórter, colocar uma raposa como guardadora de um galineiro. (GOODEL, 2017, p 44-51).

Com o propósito de avaliar vários aspectos da ansiedade ambiental nos modos de representação em ecodistopias tanto no Brasil quanto na América do Norte, neste ensaio proponho uma análise contrastiva entre um romance brasileiro de 1981, **Não verás país nenhum**, de Ignácio de Loyola Brandão e uma trilogia, **Oryx and Crake** (2003), **The Year of the Flood** (2009) e **MaddAddam** (2011), da escritora canadense Margaret Atwood. A comparação entre esses romances avaliará questões estéticas e ideológicas na representação de

um futuro pós-catastrófico em cada um deles. A ênfase da análise será na representação de humanos/não humanos, a concepção de história, e a eficácia ou ineficácia de certas opções estéticas de cada autor. Em primeiro lugar faço um resumo dos enredos, em seguida considerações sobre o catastrofismo e um breve panorama sobre o debate teórico contemporâneo do que se pode chamar, em termos amplos, a ecocrítica, e por fim a análise dos textos ficcionais à luz dos problemas levantados em minhas considerações sobre a teoria ecocrítica.

1. *Não verás país nenhum* e a trilogia *Oryx and Crake*: Resumo dos Enredos

Ambas narrativas, além de problematizarem questões ambientais diversas e constituírem representações simbólicas de um colapso ambiental, compartilham com inúmeras outras narrativas distópicas a representação de sociedades que passaram por traumático empobrecimento generalizado de suas culturas, com perda da memória coletiva e individual, de tradições culturais e, no plano pessoal, de laços afetivos estáveis. Tal empobrecimento é acompanhado ainda pela intensificação e banalização da violência, a paranóia causada pela constante vigilância da vida privada, e por exacerbada segregação racial e econômica, entre outros problemas. Ou seja, distopias de todos os tipos representam inúmeros aspectos da desumanização de nossas vidas, enquanto as ecodistopias enfatizam adicionalmente a degradação ambiental como parte constitutiva desse processo.

Atwood e Brandão situam suas narrativas em sociedades autocráticas em um futuro não muito distante. **Não verás**, já um clássico da literatura brasileira, se refere claramente à ditadura militar no Brasil. As forças que governam o Brasil são referidas como “O esquema,” uma ditadura, impessoal, sombria e inacessível. Por outro lado, na trilogia **Oryx and Crake**, não há uma referência clara a um sistema político específico, mas deduz-se que a narrativa ocorre em uma forma de governo subordinada a interesses financeiros de grandes corporações. Desde o início as narrativas se passam no contexto ambiental de calor excessivo, devastação de recursos naturais, predominância de alimentos sintéticos, contaminação química, epidemias, entre outros. No contexto social mais amplo a ênfase está na hiper-violência, na segregação racial e de classe, na paranóia, na falta de solidariedade e de escrúpulos, entre outros fatores. Portanto, a situação assim descrita não nos parece tão estranha em 2017, já que vários desses componentes fazem parte de nosso cotidiano. Poderíamos argumentar que a ficção científica distópica,

definida pela clássica teoria de Darko Suvin como a ficção do “estranhamento cognitivo,” já se tornou dolorosamente familiar nesses tempos.

Os heróis em ambas as histórias vivem uma vida sem sentido, sem objetivos, sem vínculo social real. Mais precisamente, em ambos os textos os protagonistas vivem os os últimos dias de suas vidas e da vida humana no planeta. No romance de Loyola, Souza é um ex-professor de história que é obrigado a se aposentar pelo governo. No ponto em que se inicia a narrativa, Souza ocupa uma posição na burocracia estatal onde desempenha um trabalho mecânico e sem sentido que foi arranjado por seu sobrinho, uma figura sombria, um Militécnico que tem conexões dentro da administração do estado. Souza leva uma vida extremamente monótona e vazia de sentimento com sua esposa, Adelaide. Depois que ela o deixa, sem motivo aparente, a vida de Souza se torna uma aventura perigosa através dos setores deteriorados da cidade. Em sua jornada, o que mais interessa a Souza é fazer sentido da história. O grande enigma que escapa a Souza e a todos é como se chegou ao estado atual, onde começou, como e porque o processo entrópico que leva ao fim da humanidade ocorreu tão rapidamente.

Similarmente, o personagem principal no primeiro romance da trilogia **Oryx and Crake**, "Snowman" (apelido de um jovem que antes da grande catástrofe era conhecido como Jimmy) perdera a capacidade mental e física, ouve vozes e fala com a mulher que ele amara. Oryx, o único amor verdadeiro de Jimmy, havia sido assassinada por seu melhor amigo, Crake (cujo verdadeiro nome era Glen). Oryx tinha sido uma escrava sexual em sua infância na Ásia antes de ser resgatada por Crake. Crake é uma figura enigmática, um jovem brilhante, racional, e frio, que se torna um biólogo excepcional. Ele é contratado pela Paradice, uma empresa que vendia sonhos de juventude prolongada para consumidores ricos. Foi devido aos experimentos de Crake que a grande catástrofe ocorre. Ele decide matar toda a humanidade ao provocar uma pandemia usando químicos utilizados em seus experimentos dentro da empresa que trabalhava. Foi Crake também quem criou seres trans-humanos, os "filhos de Crake", que eram fisicamente perfeitos, desprovidos de todo mal, incapazes de violência ou de desonestidade. Crake mata Oryx ao perceber que ela estava contaminada pela praga. Crake fez isso na frente de Jimmy, que por sua vez o matou no local.

Nos romances subsequentes da trilogia, **The Year of the Flood** e **MaddAddam**, Atwood introduz outros personagens sobreviventes da catástrofe provocada por Crake. As vidas desses personagens haviam se entrecruzado significativamente com as de Jimmy, Oryx e Crake. De

certa forma, os romances subsequentes a **Oryx and Crake** são “prequels,” ou seja, contam histórias anteriores ao que é narrado em **Oryx and Crake**. É apenas em **MaddAddam** que a trajetória de todos os personagens principais se entrecruza, completando-se assim toda a saga de um grupo de ambientalistas rebeldes que se envolveram com Crake no projeto de engendramento de uma nova categoria de humanos, primeiros habitantes de um mundo pós-humano.

Ambas as narrativas tentam engajar o leitor através da elaboração de um cenário pós-catastrófico em um tipo de “Pedagogia do Apocalipse,” através do qual o leitor sentiria um impacto emocional, se informaria sobre várias questões ambientais, se sensibilizaria e se transformaria em mais um agente contra a devastação ambiental. Porém, o sentimento de derrota, impotência e inescapabilidade de um fim trágico predominam neste tipo de narrativa em geral. No caso de Atwood e Brandão há também uma limitada e pouco provável redenção e renascimento que são deixadas em aberto. Antes de fazer considerações ao respeito do final destas narrativas, faço na próxima seção uma avaliação e crítica ao catastrofismo tanto em ficção quanto em outros tipos de discursos ecológicos.

2. Catastrofismo

Preocupações em relação ao meio ambiente e particularmente ao fenômeno do aquecimento global encontram fundamentação na grande maioria da produção científica em diversas áreas que estão direta ou indiretamente relacionadas a questões ambientais. Cientistas argumentam que complexidade de sistemas ambientais responsáveis pela sobrevivência humana no planeta poderá entrar em um processo entrópico irreversível. O jornalismo em todas as suas formas faz cobertura regular sobre temas variados relacionados ao ambiente e dissemina também informação científica, não raro de forma inconsistente, alarmista e sensacionalista, para o público não-especializado. Entretanto, tais prognósticos apocalípticos são também frequentes em visões místicas e profecias apócrifas de toda sorte, muitas das quais rejeitam a noção de que humanos poderiam causar um apocalipse e tal desfecho não só é prerrogativa de Deus, como também representa algo inevitável.

O discurso das artes visuais e da literatura também se atem cada vez mais a questões ecológicas. Recentemente houve um aumento significativo na produção simbólica ficcional nas quais questões ecológicas são o ponto central. Em um estudo publicado em 2015, Adam Trexler

argumenta que por volta do ano de 2008 houve um record de publicações deste tipo (TREXLER 2015, pp. 8-11). Narrativas ecodistópicas se tornaram tão proeminentes que já constituem um sub-gênero da ficção científica na América do Norte, recebendo o rótulo de “Cli-Fi.” Precisamente por causa desta vasta produção ficcional distópica, juntamente com a veiculação incessante de informação científico-jornalística e a cobertura de eventos catastróficos reais ou iminentes através dos meios de comunicação que o impacto ou o que se chama “shock value” de tal discurso diminui. Por mais urgente que pareça a questão ou por mais convincente seja a argumentação, não há mais como se obter a mesma resposta do público e impacto causados pelo clássico livro de Rachel Carson, **Silent Spring** (1962). Em outras palavras, a mensagem alarmista que predomina em questões ambientais já atingiu há muito um ponto de saturação.

Apesar de expressarem preocupações legítimas e bem fundamentadas em relação à vida no planeta, narrativas de caráter catastrófico são intrinsecamente derrotistas, ainda que o propósito seja o de alertar o público em geral sobre o caminho perigoso que escolhemos ao endossarmos modelos de desenvolvimento econômico baseados no consumo irrestrito e de crescimento infinito.² Com a melhor das intenções, denunciam a arrogante interferência humana nos ciclos naturais de forma veemente, quase caricaturesca. De certa forma, a lógica subjacente destas narrativas baseiam-se numa teleologia apocalíptica. Profetizam uma justiça final em que teremos que pagar o preço mais alto. São narrativas que decretam, assim, a auto-derrota da humanidade e um triunfo (ainda que em estado precário) do planeta.

Sobre este aspecto da nossa fixação com um cenário pós-humano, é importante mencionar que um dos livros mais vendidos da primeira década do século XXI nos Estados Unidos é **The World without Us** (2007), do jornalista Alan Weisman. Neste livro, uma mistura de jornalismo investigativo e de especulação ficcional, o autor descreve de forma experimental um esboço do estado físico do planeta na hipótese do desaparecimento total da raça humana. Embora esse experimento filosófico seja instigante e tenha sido feito com a melhor das intenções, não há como negar que tal exercício tenha pouco valor prático e, como argumentam

² Ver a esse respeito o argumento de Giovanni ARRIGHI em **Adam Smith in Beijing**. O autor aponta essa deficiência do capitalismo, que na concepção de Karl Marx reside em sua constante necessidade de expansão e sua incapacidade de gerar mão de obra. Arrighi, assim como críticos e teóricos eco-marxistas adicionam a essa deficiência a própria finitude de recursos naturais do planeta, o que, numa concepção fatalista e catastrofista poderá desencadear o colapso do sistema capitalista e provocar uma verdadeira revolução.

pode de fato inspirar uma certa paralisia política ou pior ainda, fortalecer a direita que controla os meios de produção. (BELLAMY e SZEMAN, 2015, p. 192-205)

Adicionalmente, em relação ao sucesso comercial de narrativas distópicas, é relevante refletir sobre um dado relativo ao consumo de livros de ficção nos Estados Unidos foi revelado em janeiro de 2017. De acordo com a Amazon.com, romances como **1984**, de George Orwell, **Admirável mundo novo**, de Aldous Huxley, e **It Can't Happen Here**, de Sinclair Lewis bateram records de venda durante as primeiras semanas do mandato do novo presidente (WHEELER, 2017). Este aumento significativo na venda deste tipo de ficção parece ter uma relação direta com o resultado das eleições e com as primeiras ações do atual presidente americano. Entretanto, as distopias já estavam em posição destacada mesmo antes da eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos, especialmente em filmes e seriados de TV. Alguns jornalistas norte americanos argumentam que tanto o ressurgimento das distopias clássicas quanto o significativo aumento na produção e comercialização de narrativas distópicas e ecodistópicas também já tem provocado uma espécie de fadiga no público consumidor, especialmente num contexto histórico em que a realidade do dia a dia se torna cada vez mais semelhante ao ambiente das distopias. (ORR, 2017).

Não só estas narrativas perderam o impacto que tinham, mas também e aparente se tornam aos poucos mero entretenimento para o deleite diário de consumidores passivos de catástrofes reais e imaginárias. A estratégia de se repetir a mensagem sobre a urgência de ações drásticas para se evitar a catástrofe iminente não provoca indignação e nem tem sido muito bem sucedida em mudar a forma como as pessoas entendem e reagem a tais problemas. É sabido que mesmo as pessoas que estão cientes dos problemas ambientais e principalmente do fenômeno do aquecimento global, não mudam seus hábitos nem se engajam em qualquer tipo de ativismo político-ambiental (YUEN, 2012, p.21).

Desta forma, talvez o que mais provoque um “estranhamento cognitivo” em relação às variadas narrativas sobre questões ambientais é o fato de haver posições tão díspares. Nem mesmo em relação à própria existência de fenômenos como o aquecimento global é possível se chegar a um consenso em meios não-acadêmicos. Seria de se esperar que todo ser humano tivesse ao menos um interesse comum na preservação ambiental ou no uso racional e sustentável de recursos naturais. Entretanto, na atual paisagem do discurso político ambiental, dois tipos de

atitudes extremas podem ser descritas de forma esquemática da seguinte forma: De um lado estão ambientalistas de vários matizes representando áreas profissionais diversas e de outro os chamados “climate deniers,” que podem ser membros de grupos religiosos e parte de uma população com nível educacional inferior ou indivíduos associados a poderosos industriais representados por políticos conservadores (em sua grande maioria pertencentes ao Partido Republicano americano). Entre esses extremos não há propriamente diálogo. Enquanto intelectuais, cientistas, ambientalistas e políticos (geralmente com perfis liberais progressistas) advertem sobre abusos ambientais, conservadores de forma mais ampla negam a existência do fenômeno do aquecimento global. Para estes, a atividade econômica relacionada à extração e uso de combustíveis fósseis não causam nenhum impacto ambiental a nível global.

Entretanto, os motivos para certa paralisia em relação a questões ambientais e desconfiança de profecias sobre catástrofes iminentes não podem ser atribuídos somente à desinformação, à fadiga, à super-exposição a um volume imenso de informação muitas vezes contraditório e/ou falso, ou como um dos efeitos colaterais do catastrofismo. Jean Baudrillard adiciona à lista outra causa, muito mais perversa e mórbida, que é o que o filósofo chama de “Manutenção da Catástrofe.” Baudrillard argumenta que representações midiáticas de possíveis ou reais catástrofes propiciam um espetáculo consumido avidamente por espectadores do chamado primeiro mundo (BAUDRILLARD, 1992, p. 67).

Há ainda propostas de grupos radicais de esquerda que postam na noção de catástrofe e caos como desencadeadores do colapso do sistema capitalista, o que forçaria uma mudança radical na forma como a humanidade lida com o ambiente. Sasha Liley faz um inventário de vários tipos de discursos ambientais catastróficos e comenta que esse tipo de catastrofismo instiga ações destrutivas como forma de causar o caos e desintegração. Liley argumenta convincentemente que situações caóticas como as desejadas por esses grupos geram muito mais frequentemente o fortalecimento de regimes autocráticos de direita e não abrem espaço para avanço algum (LILEY, 2012, p. 68).

Narrativas ecodistópicas (ficcionais ou não) encontram dificuldade em engajar o leitor a pensar e agir de forma incisiva em questões relacionadas a problemas ambientais por vários motivos. Se a hipótese de Baudrillard é correta, poderíamos dizer que o discurso catastrofista veiculado em certas ecodistopias fornece alimento para a inércia e o deleite de nossas fantasias apocalípticas e munição para estados autoritários adotarem toda sorte de medidas reacionárias,

xenofóbicas e beligerantes (igualmente apocalípticas e catastrofistas). Em última análise, Baudrillard argumenta que por trás do espetáculo da catástrofe está a recusa dos humanos de serem vítimas de processos naturais, preferindo se manterem, iludidos, como agentes de sua própria destruição. (BAUDRILLARD, 1992, p. 71)

Além dos que descrevo acima, um dos principais motivos pela frustração e inércia que nos afeta reside no fato de a complexidade de fenômenos como a mudança climática/aquecimento global sempre além do alcance de indivíduos, comunidades, e até mesmo nações. A incompreensibilidade deste fenômeno é precisamente o que Bruno Latour destaca como o principal obstáculo para a possibilidade de agência no Antropoceno: “. . . as pessoas não estão equipadas com o repertório mental e emocional para lidar com uma vasta escala de eventos. . . Elas têm dificuldade em assimilar a noção de uma aceleração tão rápida pela qual, além disso, devem se sentir responsáveis” (LATOUR, 2014, p. 1). Da mesma forma, o conceito de “hiperobjetos” de Timothy Morton refere-se a certos dispositivos, fenômenos e processos complexos como o aquecimento global que não podem ser entendidos em sua totalidade (MORTON, 2013, p. 9).

Nas próximas seções avalio parte do atual debate crítico sobre as deficiências tanto do discurso do ativismo ambiental quanto da ecocrítica cultural em relação ao problema maior do aquecimento global e das mudanças climáticas. O discurso teórico que informa a ecocrítica de diversos matizes propõe reflexões e auto-reflexões profundas sobre tais questões e outras que descrevo abaixo.

3. Teorias da relação entre humanos e não-humanos: Anti-anthropocentrismo

Uma das questões fundamentais de todo o discurso ambientalismo é a relação entre humanos e natureza. Áreas como a Ecologia Profunda há muito tempo vêm trabalhando com a noção de que humanos e natureza não podem ser separados ou vistos em uma hierarquia. Essa abordagem enfatiza os atributos dinâmicos da natureza, juntamente com a rejeição do antropocentrismo e a valorização de histórias e agenciamento de não-humanos (OTTO, 2012, p. 19-44). No entanto, desenvolvimentos mais recentes no debate apontam para falhas na Ecologia Profunda e em formas anteriores de ecocrítica. Recentemente, vários críticos e teóricos

elaboraram críticas desses modos mais convencionais de ecocrítica, apontando entre outras coisas para a persistência de um caráter ainda bastante antropocêntrico dessa abordagem. Em **Ecological Thought**, Morton questiona as figurações da Natureza (com N maiúsculo) herdadas do romantismo que ainda informam o ambientalismo em todas as suas variedades, incluindo o holismo, o atomismo, o localismo e o puritanismo entre outros. Na sua opinião, essas ideologias totalizantes não abordam a interconectividade de humanos e não-humanos a um nível mais profundo. Como forma de se superar a dualidade humanos/natureza (sujeito/objeto), Morton propõe o termo "Mesh," no qual seres humanos-não humanos, orgânicos e inorgânicos fazem parte de um contínuo (MORTON, 2010, pp. 8-10).

Timothy Clark identificou várias limitações adicionais no programa ecocrítico no que o autor vê como seu "tipo grosseiro de identidade de espécies," juntamente com seu tom moralista e pregador. Tal programa defende mudanças radicais, mas Clark argumenta que esse modo de ecocrítica ainda se ancora em um "nós humanos" como sujeitos indiferenciados na relação humanos/natureza (CLARK, 2015, p.17). O autor argumenta que a ecocrítica desafia as representações idealistas da identidade humana sem confrontar realmente a "questão mais profunda do seu compromisso inicial com uma certa concepção de cultura per se" Clark vê na ênfase excessiva da ecocrítica no poder das representações culturais um de seus aspectos mais vulneráveis (CLARK, 2015, p. 20-21).

Em relação ao discurso antropológico, uma crítica contundente ao modo convencional do discurso desta disciplina está no Perspectivismo Ameríndio, proposto por Eduardo Viveiros de Castro e Phillippe Descola. Com o objetivo de desestabilizar parâmetros de pensamento antropocêntricos e etnocêntricos fundados em dicotomias como cultura/natureza, humanos/não humanos, sujeito/objeto, os proponentes do Perspectivismo Ameríndio apontam que do ponto de vista dos indígenas ameríndios todas as espécies de seres humanos e não-humanos são dotados de consciência e de cultura. (CASTRO, 2002, p. 113-148).

Além das intervenções críticas e teóricas descritas acima, e também com o propósito de buscar uma nova forma de se estruturar uma plataforma mais produtiva para a discussão de questões amplas relacionadas ao meio ambiente e ao aquecimento global, Paul Crutzen, cientista ganhador do Prêmio Nobel, propôs um conceito que também contribui à desestabilização de perspectivas arraigadas baseadas nos binômios acima citados. Crutzen propôs o conceito de Antropoceno em um curto ensaio, quase um manifesto, "Geology of Mankind". Seu objetivo foi

chamar a atenção para a magnitude da interferência da humanidade no meio ambiente. O Antropoceno é uma forma de definir uma era posterior ao Holoceno, um momento em que humanidade não só atinge um status novo como força transformadora (maiormente destrutiva) de magnitude correspondente a inteiras eras geológicas, como também assume responsabilidade por interferências imprescindíveis na preservação e utilização racional de recursos naturais. Este pequeno artigo causou grande comoção na comunidade acadêmica, provocando um debate vigoroso e inovador em que a dicotomia humanos/natureza não mais representa um impasse. Crutzen também atraiu críticas inflamadas nas quais acadêmicos das áreas mais diversas o acusam de defender a noção de superioridade humana em sua relação com o ambiente, o que representaria precisamente o oposto daquilo que o cientista pretendia com o novo conceito.

O historiador Dipesh Chakrabarty foi o primeiro a elaborar sobre as implicações teóricas do antropoceno para o discurso clássico humanístico da história. Seu artigo seminal “The Climate of History” impacta os campos das ciências sociais e das humanidades de maneira direta e profunda. No cerne do argumento de Chakrabarty está a alegação de que “as explicações antropogênicas das mudanças climáticas soletram o colapso da antiga distinção humanista entre história natural e história humana” (CHAKRABARTY, 2009, p. 201). E a partir desta tese geral, o autor elabora novas implicações e possibilidades desse colapso para as ciências sociais e humanas. As proposições teóricas de Chakrabarty estimularam os debates acalorados até mesmo em áreas acadêmicas diversas das citadas acima.

As propostas de Crutzen, Chakrabarty, e Will Steffen entre outros constituem uma narrativa dominante no debate sobre o Antropoceno. Mesmo críticos que compartilham a noção de que estamos numa era geológica distinta têm feito críticas severas a esta narrativa dominante, particularmente por sua tendência a homogenizar a categoria “humanidade” e atribuir responsabilidade pela devastação do meio ambiente e por sua preservação indiscriminadamente à totalidade dos seres humanos no planeta. Christophe Bonneuil argumenta que, em resposta à narrativa principal sobre o Antropoceno, surgiram outras três divergentes no atual debate em torno do conceito. De acordo com Bonneuil estas narrativas são: a Eco-Pragmatista, a Eco-Catastrófica e a Eco-Marxista (ou narrativas do Capitaloceno). A narrativa Eco-Pragmática (também conhecida como narrativa Eco-Modernista ou Pós-Natureza) expande e radicaliza as premissas da narrativa Eco-Naturalista (BONNEUIL, 2015, p. 24). Esta narrativa proclama o Antropoceno como o fim da “Natureza Um,” uma entidade passiva e sem história. Os eco-

pragmatáticos refutam a noção de que o antropoceno exija "mais humildade e cautela em relação à Terra. Esses estudiosos "radicalizam o projeto baconiano para artificializar a Terra" (p. 25). Por outro ângulo, e rejeitando a linearidade e o antropocentrismo que ainda percebem nas narrativas acima, as narrativas Eco-Catastróficas vêem o planeta em seu estado atual como algo análogo ao mito de Medea (a deusa que matou seus próprios filhos depois de ser traída por Jasão) (p. 26). Tal narrativa não vê a humanidade progredir em direção a uma vida melhor, mas sim como uma série de desastres que levarão ao final catastrófico. E por fim, similarmente, as narrativas de Capitaloceno apontam o fato de que o capitalismo é inerentemente predatório ao ambiente. Com sua perspectiva eco-marxista, os proponentes do Capitaloceno vêem neste caráter destrutivo como uma outra limitação do capitalismo, além da principal aporia que Karl Marx revelou (ou seja, o capitalismo não pode reproduzir o trabalho). As formulações de Capitaloceno rejeitam a noção de humanidade como uma espécie que é responsável, como um todo, pela crise ambiental. Em vez disso, eles vêem Capital como o culpado.

Bruno Latour alerta para um grande problema ainda deixado sem resposta por todas as elaborações ecocríticas surgidas a partir do conceito de Antropoceno. Latour adverte que devemos nos distanciar tanto dos sonhos de completa dominação da natureza quanto da ameaça de nos tornarmos inteiramente "naturalizados." (LATOURE, 2014, p. 5). Ou seja, tanto a noção de que humanos devem buscar o total controle e domínio sobre a natureza quanto o desejo de um retorno a uma espécie de Éden pré-moderno (em que humanos e natureza se misturem em perfeita harmonia) representam divagações improdutivas e auto-destrutivas.

Latour se refere ao planeta terra como Gaia, um novo sujeito que reage de forma imprevisível através dos fenômenos naturais comumente associados a mudanças climáticas. Latour expande o conceito de Antropoceno para ponderar sobre o novo status que tanto humanos como não humanos adquiriram após a interferência humana alcançado a atual escala geológica. Ou seja, Gaia foi animada por seres humanos, e, como resultado, se torna um agente diferente. Da mesma forma, os seres humanos perdem sua forma de auto compreensão, sua identidade antropocêntrica na relação com a natureza (em que convencionalmente se vêem como sujeitos autônomos) e ganham um novo status. Tornando-se agentes geológicos, mas estão suscetíveis às ações do planeta. Ao perder sua autonomia, ambos se tornam "quase-sujeitos." Os seres humanos se tornam novos sujeitos porque podem "ser submetidos aos caprichos, mal humor, emoções e

até mesmo vingança de outro agente [Gaia], que também adquire seu novo status de sujeito porque também foi submetida à ação humana” (LATOUR, 2014, p. 5).

Em vista das complexidades levantadas por todas essas abordagens ao conceito de Antropoceno, parece que eles compartilham a convicção de que os pressupostos profundamente arraigados sobre a natureza, a história, os humanos e os não humanos devem ser reavaliados drasticamente, mas divergem em uma série de outras questões. Todas as narrativas descritas acima fornecem informações valiosas sobre como proceder tanto no debate teórico como em termos de definir caminhos mais claros para a agenciamento político.

Na análise que proponho abaixo busco esclarecer como binômios tais como homem/natureza, cultura/natureza, sujeito/objeto são retratados em ambas as narrativas. Apontarei também contradições entre as amarras do catastrofismo que se encontra na base do discurso ecodistópico nesses textos e as raras possibilidades de superação do dilema ambiental que também se faz presente em ambas as narrativas. Argumentarei também que, apesar do caráter global das catástrofes representadas em ambos os textos, é possível detectar o local ideológico da enunciação de cada narrativa, ou seja, uma visão de futuro que presume papéis bem definidos, talvez até mesmo deterministas, com relação à noção de progresso, avanço tecnológico, e poder no contexto global. Estabelecer paralelos entre duas novelas que poderiam iluminar os processos, as visões de mundo e o contexto histórico imaginado em cada uma destas narrativas.

4. *Oryx and Crake* e *Não verás país nenhum* em relação entre humanos, não-humanos, tecnologia e o Antropoceno

Tanto nas narrativas de Atwood quanto na de Brandão há o que se pode chamar de confluência entre história natural e história sócio-cultural. Por extensão pode-se afirmar que estas narrativas abolem a distinção entre primeiro plano e plano de fundo, ou seja o ambiente retratado não é simplesmente um pano de fundo da ação humana. Agora, como argumentam os teóricos do Antropoceno, o planeta, o ambiente natural não é simplesmente um objeto. A natureza e os não humanos adquiriram um novo status de “semi-sujeitos,” como diria Latour, enquanto humanos perderam seu status de sujeitos soberanos e passam a ser alternadamente semi-sujeitos e semi-objetos.

O ponto de origem de como esses precários cenários pós-catastróficos foram desencadeados constitui uma distinção importante entre as novelas. A São Paulo de Brandão sofreu um rápido processo de degradação, mas essa degradação não pode ser atribuída a um evento específico. A cidade (e o país) sucumbiu a problemas de superpopulação e exploração predatória de recursos naturais (entre outros) que geraram escassez de água, poluição, calor excessivo. Até certo ponto, todos esses problemas já existiam nessa cidade muito antes da publicação do romance. Neste aspecto, o retrato que Brandão compõe da cidade e do país no futuro é uma extrapolação, mas inteiramente lógica. Por exemplo, a compartimentação do espaço urbano no romance de Brandão é representada de forma mais enfática pelo contraste entre os vastos Acampamentos Paupérrimos e os domínios urbanos exclusivos, alcançáveis apenas mediante autorização governamental são metáforas da segregação que de fato sempre existiu principalmente nas grandes metrópoles. As favelas sempre foram “acampamentos paupérrimos” e nas áreas “nobres” o acesso é restrito, guardado fortemente por sistemas de segurança como é o caso dos condomínios fechados.

Subentende-se na narrativa de Brandão que todo o processo de deteriorização ocorre devido ao fato, em termos amplos, do Brasil ter aceitado passivamente o modelo de desenvolvimento imposto pelas forças do capitalismo. O Brasil continuou exercendo seu papel de fornecedor de matéria prima com aspirações de se transformar em uma grande nação desenvolvida (país do futuro). Tal processo de modernização conservadora e dependente foi realizado de forma passiva e também desonesta, irresponsável e incompetente. Em um diálogo entre Sousa e seu melhor amigo, Tadeu, o protagonista faz um comentário que põe em evidência tal mecânica:

Parece até complô de nível mundial. Uma divisão do mundo moderno acertada entre as grandes nações e os amaciados países subdesenvolvidos. . . . Um país subdesenvolvido vivendo em clima de ficção científica. Sempre fomos um país incoerente, paradoxal. Mas não pensei que chegássemos a tanto. (BRANDÃO, 2008, p.108-109).

Sousa busca fazer sentido da situação interna do Brasil por uma perspectiva da história nacional. Entretanto, através de seu inquérito contínuo durante toda a narrativa, as explicações que encontra ou as reflexões que faz são não apenas insuficientes, mas também identificam causas que extrapolam o limite do nacional e evidenciam a posição subsidiária do país a agentes

multinacionais. Suas investigações também lhe desestabilizam a noção de tempo histórico no sentido convencional e humanista em relação à história natural e geológica (GOUVEIA, 2017)

Na trilogia de Margaret Atwood as corporações representam a esfera do poder (político e econômico) e também tem o monopólio da tecnologia. Muitas dessas corporações recebem nomes que sugerem a área exata de suas atividades criminosas. Por exemplo, o grande conglomerado chamado "CorpseCorps" é responsável pelo controle do suprimento de alimento e também pela morte de qualquer um que represente alguma força de oposição. E foi de dentro de uma dessas corporações que Crake realiza seu projeto secreto de criação de humanóides, com o intuito de substituir a humanidade como tal por uma

A visão de Atwood sobre a ordem política internacional, dessa forma, já tem por certo a insignificância, ineficácia, obsolescência e corrupção de qualquer governo. Embora a história se passe na América do Norte, há poucas referências ao local e nenhuma aos governos, o que implica que a visão da autora sobre o papel do governo é fundamentalmente distinta da de Brandão. O mundo de Atwood é pós-nacional, retrata uma realidade globalizada em que as barreiras nacionais, as políticas econômicas, a soberania e outros marcadores da ordem mundial nacional já não existem. No entanto, a noção de tempo histórico linear, de uma historicidade centrada na ação humana é o que prevalece na trilogia. A este respeito, Atwood não apresenta nenhum questionamento ou desestabilização de tais pressupostos antropocêntricos.

Os romances de Margaret Atwood retratam um cenário pós-catastrófico desencadeado por um grande evento, em decorrência do experimento biológico de Crake. Mas o mundo antes da catástrofe já era uma distopia. A trilogia **Orxy and Crake** se passa numa cidade imaginária, New New York, nos Estados Unidos. No período anterior ao desastre químico que praticamente extermina a humanidade, o ambiente urbano apresenta basicamente dois tipos de espaços. Assim como no romance de Brandão, em Atwood os vários “compounds” são os quartéis gerais das grandes corporações onde também moram seus empregados e suas famílias. Esses espaços são protegidos por rigorosos sistemas de segurança, enquanto os Pleeblands (uma tradução literal seria Terra de Plebeus) são os espaços urbanos excluídos do “progresso,” abandonados, contaminados quimicamente e dominados por drogas, crime, pobreza, prostituição e violência.

Em Atwood, o Norte global (mais especificamente os Estados Unidos) é o local da vanguarda tecnológica e como tal é também o agente perpetrador do fim da humanidade. É preciso enfatizar que foi o experimento de Crake que provocou o colapso quase total da

humanidade tal como a conhecemos. Desta forma, Atwood atribui muito mais poder ao indivíduo, na figura do "cientista louco," o hacker do sistema. Isso também implica que o locus (o núcleo) do desenvolvimento tecnológico está na América do Norte e esse espírito, a mentalidade megalomaníaca prevalece. Crake se vê como o mais racional dos seres, mas em seu ato final de destruição da raça humana ele é movido por impulsos de ordem emocional (amor, ciúme, rancor). Portanto, Atwood atribui a um indivíduo um poder acima de qualquer elemento natural tanto de destruição quanto de criação de um novo mundo. Se o desastre ecológico que ameaça a humanidade, visto a partir do Brasil, é consequência da má fé, incompetência e corrupção, na perspectiva do Norte, esse desastre final é causado pela genialidade de um só humano. Percebe-se, portanto, que em Atwood um indivíduo prevalece como agente da catástrofe, que é resultado de sua ação deliberada. Crake pode ser louco e megalomaníaco, mas não é incompetente. Ele é quem determina tanto a catastrófica pandemia quanto a morte de sua amada e sua própria morte:

Enquanto Jimmy assistia, paralizado e descrente, Crake deixa Oryx cair para trás, sobre seu braço esquerdo. Ele olha para Jimmy, um olhar direto, sem sorriso.

“Estou contando com você,” ele disse. Então ele corta a o pescoço de Oryx.

Jimmy atira nele. (ATWOOD, 2003, p. 503)³

E Crake é o sujeito soberano não somente do desastre pandêmico que praticamente aniquila a humanidade ou de sua própria morte e a de seu amor, Oryx. Ele é também quem teve a visão, a capacidade e as condições necessárias para engendrar os Crakers, uma nova espécie transhumana. Os Crakers terão melhores condições de viver de forma harmônica entre si e com a natureza.

³ Original em inglês:

As Jimmy watched, frozen with disbelief, Crake let Oryx fall backwards, over his left arm. He looked at Jimmy, a direct look, unsmiling.

“I’m counting on you,” he said. Then he slit her throat.

Jimmy shot him. (ATWOOD, 2003, p. 503).

Por outro lado, na visão de Brandão, o desastre resulta de ações irracionais, inconsequentes, desastrosas de milhões ou bilhões indivíduos. Em **Não verás** não é possível traçar uma linha contínua e lógica entre eventos e ações que desencadeiam o grande desastre que afetará a humanidade como um todo.

Em muitos aspectos, a opção estética de Brandão se adequa melhor tanto ao absurdo da situação quanto à pobreza das relações sociais, da morte da cultura e sua inextirpável conexão com a natureza. Brandão toma emprestado elementos de distopias clássicas do século XX. A natureza opressiva do governo e seu aparato estatal nesta narrativa é exagerada, caricaturesca e em vários momentos satírica. O estilo e os principais temas e motivos do romance de Brandão são diretamente relacionados às distopias clássicas do século XX, como **Admirável Mundo Novo** de Aldous Huxley e **1984** de George Orwell. A vigilância constante (a principal função do Big Brother de Orwell) aparece em a forma de helicópteros monitorando cada setor da cidade, o policiamento constante dos Militécnicos, os alto-falantes do estado dando ordens e fazendo propaganda auto-congratatória. A sensação geral de desconfiança entre os colegas é também uma reminiscência do romance de Orwell, em que os personagens nunca tem certeza se a pessoa que está falando com um informante do governo ou não. Essa sensação de paranóia é exemplificada no romance de Brandão no episódio em que a aparência de um misterioso buraco na mão de Souza coincide com a perda de seu trabalho, embora essa conexão não é confirmada. Da mesma forma, o fato de que os livros e registros oficiais de qualquer tipo, foram proibidas e destruídas é uma reminiscência do clássico de Ray Bradbury, **Fahrenheit 451**. Da mesma forma, o exército de Militécnicos, programado para servir o sistema a qualquer custo, nos lembra as manipulações genéticas que criaram uma legião de indivíduos perfeitamente condicionados para exercer funções sociais específicas em **Admirável mundo Novo**. No entanto, a atmosfera do absurdo, a irracionalidade, a arbitrariedade e a estranheza das situações em que os personagens se encontram apontam, inequivocamente, para o universo ficcional de Franz Kafka. Traços da linguagem kafkiana em **Não verás** informa a nomeação de personagens como descrições genéricas e patéticas, como “o homem que costuma sentar-se à ponta da mesa,” “o homem que comia doces,” o “sobrinho,” entre outros.

A experiência pessoal de Souza na narrativa é marcada pelo acúmulo de perdas que tem início a partir de sua aposentadoria forçada da posição de professor universitário. Souza e todos os outros personagens vivem em total estado de alienação. Todas essas perdas parecem ser

arbitrárias, absurdas e devido a contingências inescrutáveis. Souza não é responsável por qualquer ação que possa explicar ou justificar perdas dessa magnitude. A experiência de alienação e perda de Souza faz dele um personagem intimamente relacionada com a de Kafka semi-autobiográfico Joseph K, no julgamento e no conto "A Dream", ou simplesmente K em **O castelo**.

Brandão evita o tom moralista e o posicionamento típico de heróis tradicionais que permanecem como bastiões da razão e do bem. Souza é um herói vencido, consciente de suas falhas, omissões e limitações. A inépcia e a desonestidade fazem parte do tecido social e cidadãos comuns também são responsabilizados. Souza se culpa por seu silêncio e covardia. Não está tentando defender sua postura. Ele essencialmente se sente como um traidor. Nenhum herói se sustenta no contexto da narrativa de Brandão.

De muitas maneiras, **Não verás** é uma narrativa mais radical e mais incisiva. No que diz respeito à tecnologia, Brandão retratou uma sociedade que está à mercê de experiências tecnológicas e científicas, a maioria das quais é obsoleta ou usada apenas para controlar e subjugar a população. O Brasil não é o lugar do desenvolvimento da tecnologia e da ciência, portanto, toda a nação é representada como um receptáculo passivo e duplicador dos piores experimentos científicos já imaginados no mundo. Como único remanescente da classe intelectual, Souza reflete sobre o sonho megalomaniaco de conquista total do universo através da tecnologia, algo que se cultua principalmente na vanguarda científica das superpotências mundiais. Pela perspectiva de Souza, representando o olhar do terceiro mundo, tal sonho se constitui como talvez a última e mais ousada de todas as transgressões humanas:

Teria o homem ido além, ousado alterar a estrutura interna do universo? Modificá-la, sem antes sequer compreender, ou dominar, as pequenas estruturas que somadas formam o nosso mundo? Quer dizer: ele ainda não estava preparado para a grande modificação e cometeu um grande erro. Em algum ponto. (BRANDÃO, 2008, p. 95).

As ponderações de Souza denotam certo receio, uma preocupação de natureza ética em relação ao ímpeto humano de dominação total do planeta e a magnitude de seu impacto até mesmo no universo. Souza nunca está certo de nada. Sua jornada é sempre especulativa e em geral se volta para o passado, para a reconstrução do passado com o intuito de fazer sentido sobre o processo que levou à catástrofe. Em suas perambulações Souza encontra, em vez de

explicações sobre o passado, mais indícios de outra catástrofe iminente, algo ainda mais drástico e final.

Por outro lado, na trilogia de Margaret Atwood não existem incertezas sobre as causas da catástrofe ambiental e a dejeneração social em que se encontram os personagens, antes e depois da pandemia desencadeada por Crake. Isto é, mesmo antes da tentativa de exterminação total da vida humana, todos já viviam uma realidade pós-catastrófica, embora não tão extrema e letal quanto a que foi criada por Crake. A trilogia **Oryx and Crake** é riquíssima em reflexões e auto-reflexões sobre a relação entre humanos, entre humanos e não-humanos (ou entre humanos e natureza, se pensarmos ainda em termos convencionais sobre esse falso binômio). Não existe tampouco dúvida sobre quem é o responsável pela catástrofe final. Há, portanto, nessa linearidade histórica e no ato decisivo de Crake, uma formulação muito mais simplista, reducionista e antropocêntrica na trilogia **Oryx and Crake** do que em **Não verás país nenhum**. Margaret Atwood não se atem às complexidades e à profunda alteração dos papéis de sujeito e objeto no contexto das mudanças climáticas induzidas por humanos. O fato de que tal transformação requer uma reconceptualização da História humanista não altera a estrutura ou as atitudes dos personagens. Todos, exceto Jimmy, mantém sua sanidade, sua capacidade de raciocínio lógico e sua mentalidade antropocêntrica sem maiores questionamentos.

Outras falhas da narrativa da trilogia de Atwood incluem o longo enredo cheio de clichês, de enredos paralelos que se acumulam gratuitamente sem contribuir ao desenvolvimento da narrativa principal. No total, a narrativa da trilogia se arrasta por mais de mil páginas e o acúmulo de eventos e personagens, contudo, não acrescenta grande densidade aos argumentos centrais. A narrativa é repleta de recursos formuláicos que oferecem ao leitor generosas doses de sentimentalismo e heroísmo românticos, mesmo em um contexto em que tudo indica o desmoronamento de valores morais e éticos. Ainda que de forma irônica e de certa auto-implicação, texto é predominantemente escrito numa estética realista, direta, com pouca densidade simbólica ou metafórica, o que não se adequa bem à representação de eventos e seres do mundo da fantasia, da imaginação, de extrapolação de limites. Atwood também acaba caindo em certo antropocentrismo por ter dado a Crake, um estereótipo de um cientista visionário, racional e sem coração, o papel de criador de uma nova raça de transhumanos aperfeiçoados em muitos aspectos se comparados a humanos.

Apesar de retratar extensamente certos aspectos da devastação ambiental do planeta, Atwood deixa espaço para animais, plantas e outros recursos naturais suficientes para a sobrevivência de muitos seres humanos e humanóides. Os seres humanos e não-humanos encontram dificuldades em se adaptar a um ambiente inóspito e sem os confortos com os quais estavam acostumados, mas subentende-se que esses sobreviventes podem dar origem a um mundo novo (um mundo admirável?). A narrativa perde, desta forma, o foco em vários pontos devido ao excesso de enredos paralelos, de diálogos triviais, de flashbacks cheios de personagens secundários e detalhes sobre o passado traumático de cada um dos personagens centrais. A autora tem habilidades técnicas indiscutíveis e destreza ao alternar passado e presente e ao construir perfis psicológicos bem delineados, multi-dimensionais e profundos. Afinal, Atwood é uma escritora essencialmente de romances psicológicos e suas aventuras pelo universo da ficção científica são, de acordo com a própria autora, experimentos especulativos sobre cenários futuros.

Brandão, por outro lado, constrói uma narrativa dinâmica, de ritmo constante e ligeiro, e voltada sempre para problemas centrais e questões agudas sobre o ambiente sócio-cultural, político e ambiental. Numa visão radical de um futuro distópico, a narrativa é ousada e exagerada (beirando a caricatura). O autor não deixou espaço para seres não-humanos e nunca deixou de lado considerações de ordem ambiental e descrições minuciosas em que a interdependência de humanos em relação ao não-humanos é retratada de diversas formas. Sua narrativa antecipa um desastre maior, mas há um vislumbre de esperança no final quando uma folha verde brota no meio do chão de cimento rachado, seco e superaquecido perto de onde Sousa.

Considerações finais

Em conclusão, considerando-se vários dos problemas levantados por teóricos e críticos mencionados neste ensaio, ambas as narrativas oferecem vasto material para reflexão. Ambas representam visões aterrorizantes de um futuro que a cada dia se torna mais plausível. Apesar das amarras inerentes no próprio gênero ecodistópico (e nos gêneros distópicos em geral), *Não verás* e a trilogia **Orxy and Crake** sobrevivem com destaque em meio a um vasto lixo cultural de narrativas previsíveis, estereotípicas e sensacionalistas. Ambas constituem intrincadas

representações simbólicas da relação entre a humanidade e o ambiente físico com o qual se relaciona intrinsecamente. O obstáculo maior que tais narrativas encontram, ou se impõem pela própria premissa catastrofista é não poder oferecer soluções viáveis, possibilidade de superação do atual dilema. Nossos dias podem não estar contados, mas nosso sistema atual, nossos ideais e nossa concepção de mundo estão condenados. Essa parece ser a profecia final nestes romances.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, G. **Adam Smith in Beijing: Lineages of the Twenty-First Century**. New York: Verso, 2007.
- ATWOOD, M. **Oryx and Crake**. (Large Print). New York: Random House, 2003.
- . **The Year of the Flood**. New York: Bloomsbury, 2009.
- . **MaddAddam**. New York: Bloomsbury, 2013
- BAUDRILLARD, J. **The Illusion of the End**. Tradução. Chris Turner. Stanford: Stanford UP, 1994.
- BELLAMY, B e SZEMAN, I. Life After People: Science Fiction and Ecological Futures. In: Gerry Canavan and Kim Stanley Robinson, (Orgs). **Green Planets: Ecology and Science Fiction**. Middletown: Wesleyan UP, 2015. 192-205.
- BONNEUIL, C. The Geological Turn: Narratives of the Anthropocene. In Clive Hamilton, Christophe Bonneuil, and François Gemenne, Orgs. **The Anthropocene and the Global Environmental Crisis**. London: Routledge, p. 17-31, 2014.
- BRANDÃO, I. **Não verás país nenhum**. (1981). São Paulo: Global, 2008.
- CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.
- CHACKRABARTY, D. “The Climate of History: Four Theses.” **Critical Inquiry** v. 35, p. 197-222, 2009.
- CLARK, T. **Ecocriticism on the Edge: The Anthropocene as a Threshold Concept**. New York: Bloomsbury, 2015.
- CRUTZEN, P. Geology of Mankind. **Nature**, v. 415, p 23. 2002.
- DAVIS, J; LILLEY, S; McNALLY, D e YUEN, E. (Orgs). **Catastrophism: The Apocalyptic Politics of Collapse and Rebirth**. Oakland: PM, 2012.
- FOUNTAIN, H. Apocalyptic Thoughts Amid Nature’s Chaos? You Could Be Forgiven. **The New York Times**, 8 de Setembro, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/09/08/us/hurricane-irma-earthquake-fires.html?mcubz=0>
- GOODEL, Jeff. Scott Pruitt’s Crimes Against Nature. **Rolling Stone**, n.1283, p. 44-51, 2017. Disponível em: <http://www.rollingstone.com/politics/features/scott-pruitt-is-gutting-the-epa-serving-fossil-fuel-industry-w494156>

GOUVEIA, S. “The Collision of Disparate Historical Timescales in Ignácio de Loyola Brandão’s *And Still the Earth*.” **Latin American Literary Review**. v. 44, n. 87, p. 24-33, 2017. Disponível em <https://www.lalrp.net/articles/abstract/9/>

HAMILTON, C, Bonneuil, C. e Gemenne, F. Orgs. **The Anthropocene and the Global Environmental Crisis: Rethinking Modernity in a New Epoch**. London: Routledge, 2015.

HISER, Krista Karyn. “Pedagogy of the Apocalypse” Review of **Oryx and Crake, The Road, Earth Abides, The World Without Us**. **Transformations: The Journal of Inclusive Scholarship and Pedagogy**, v. 21, n. 1. 2010. p. 154-162, 2010.

LATOURET, B. “Agency at the Time of the Anthropocene.” **New Literary History** v. 45, p. 1-18, 2014.

LILEY, S. “Great Chaos Under Heaven: Catastrophism and the Left.” In: **Catastrophism: The Apocalyptic Politics of Collapse and Rebirth**. DAVIS, James; LILLEY, Sasha; McNally, David; YUEN, Eddie. Eds. Oakland: PM, p. 44-76, 2012.

MORTON, T. **The Ecological Thought**. Cambridge: Harvard UP, 2010.

--- **Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World**. Minneapolis: U of Minnesota P, 2013.

ORR, N. Bread and Circuses: How to Settle Down with Dystopia, **The Baffler**, 2017. Disponível em: <https://thebaffler.com/bread-and-circuses/how-to-settle-down-with-dystopia>

OTTO, Eric. **Green Speculations: Science Fiction and Transformative Environmentalism**. Columbus: Ohio State UP, 2012.

STOKNES, P. **What We Think about When We Try Not to Think about Global Warming: Toward a New Psychology of Climate Action**. White River Junction: Chelsea Green, 2015.

TREXLER, A. **Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change**. Charlottesville: U of Virginia P, 2015.

WEISMAN, A. **The World without Us**. New York: Picador, 2007.

WHEELER, B. “The Trump Era’s Best Selling Distopias” **BBC.com.**, 2017. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-38764041>

YUEN, Eddie. “The Politics of Failure Has Failed: The Environmental Movement and Catastrophism.” In: **Catastrophism: The Apocalyptic Politics of Collapse and Rebirth**. DAVIS, James; LILLEY, Sasha; McNally, David; YUEN, Eddie. (Orgs). Oakland: PM, p. 15-43, 2012.